

Epistemologia do Objeto de Estudo e Pesquisa das Ciências da Religião (Um Estudo de Caso)¹

Epistemology Object of Study and Research of the Sciences of Religion (A Case Study)

*Antonio Maspoli de Araujo Gomes**
*Cátia Cilene Lima Rodrigues***

Resumo

A partir da revisão da literatura, este trabalho busca analisar o objeto das Ciências da Religião, avaliar as suas relações com as Ciências Humanas em seus aspectos interdisciplinares e realizar um estudo de caso sobre a produção científica dos egressos do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, quanto ao objeto de estudo pesquisado, no período compreendido entre 2002 e 2011. Foram analisados 150 dissertações e 169 artigos publicados em periódicos.

Palavras-chave: *Ciências da Religião, Epistemologia, Objeto de Pesquisa, Experiência Religiosa, Ciência.*

¹ Recebido em 22/05/2012. Aprovado em 15/08/2012.

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Pós-doutor em História das Ideias pelo IEA da USP. Membro do Laboratório de Psicologia Social Estudos da Religião da USP. Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Fundador da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: maspoli@mackenzie.com.br

** Doutora em Ciências da Religião pela PUC/SP. Membro do Laboratório de Psicologia Social Estudos da Religião da USP. Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Psicóloga Clínica. E-mail: catiacilrodrigues@hotmail.com

Abstract

From a literature review, this paper analyzes the object of Sciences of Religion and evaluates its relationship with the humanities in interdisciplinary aspects. This paper conducts a case study on scientific production of Programs Graduate in Sciences of Religion from Mackenzie Presbyterian University, as the object of study researched the period between 2002 and 2011. We analyzed 150 dissertations and 169 articles published in scientific journals.

Keywords: *Science of Religion, Epistemology, Object Search, Religious Experience, Science*

Introdução

A universidade brasileira, de constituição recente, pouco se interessou pelos estudos da religião na primeira metade do século XX. As Ciências da Religião têm, no Brasil, pouco mais de quarenta anos. Os estudos de religião nasceram dentro do departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de São Paulo. Antônio Gouvea Mendonça aponta Duglas Teixeira Monteiro como o precursor dos estudos científicos da religião no Brasil [Mendonça, 2007a; Monteiro, 1974; 1977]. E não se erra muito ao assinalar, como marcos iniciais das Ciências da Religião, a criação, por Duglas Teixeira Monteiro, no antigo Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, do Centro de Estudos da Religião – CER, que hoje leva seu nome, e o reconhecimento acadêmico dos cursos de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião por parte da Capes – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [Mendonça, 2007a, p. 147-148].

Observa-se, todavia, que a entrada da Teologia e das Ciências da Religião na Universidade se deu a partir de um longo processo de amadurecimento dessa área e do reconhecimento

da sua relevância científica pela comunidade acadêmica mediante o credenciamento definitivo de alguns programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* pelo sistema Capes. Os primeiros programas surgiram no seio das universidades confessionais e comunitárias. Só mais recentemente as Ciências da Religião adentraram os umbrais das universidades públicas.

Em 2002, havia quatro programas de Ciências da Religião no País: o Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, o da Universidade Federal de Juiz de Fora — com o título de Curso de Pós-graduação em Ciência da Religião (no singular) —, o Programa de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; tendo início em agosto daquele ano o Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A partir de meados dos anos 1970, foram surgindo os primeiros cursos de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião em universidades confessionais. Foram dois em Ciências da Religião e os demais em Teologia. Por serem poucos, ou por razões de outra ordem, como a tradição de parentesco entre Teologia e Filosofia, esses cursos entraram para o rol da Comissão de Avaliação de Filosofia. Portanto, em 2002, constavam nesse sistema de avaliação: dois cursos de Teologia, três de Ciências da Religião e os Programas de Teologia — da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil em São Leopoldo, Rio Grande do Sul (Mendonça, 2007b, p. 202-217).

A Pós-graduação em Ciências da Religião iniciou suas atividades na Universidade Metodista de São Paulo em 1976 como o primeiro curso de mestrado da Umesp. O curso de doutorado foi implantado em 1990. No mesmo ano, o curso de mestrado recebeu o credenciamento pelo sistema Capes. O doutorado foi credenciado, por sua vez, em 1994. Em 1978, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo desenvolveu o seu programa de Mestrado em Ciências da Religião, oferecendo

também, a partir de 2002, o programa de Doutorado nessa área, com o objetivo de investigar, sistematicamente e de modo multidisciplinar, o fenômeno religioso. Na Universidade Federal de Juiz de Fora, o Departamento de Ciência da Religião iniciou suas atividades em junho de 1969, oferecendo disciplinas eletivas para os cursos de graduação na universidade. Nos anos 1970, existiu, por alguns anos, o curso de graduação, mediante ingresso com vestibular, experiência que foi interrompida e retomada mais recentemente. Nova etapa ocorreu em 1991, com o nascimento da experiência de pós-graduação *lato sensu* em Ciências da Religião (curso de especialização). O mestrado deu sequência ao processo, iniciando-se em setembro de 1993. E o projeto do doutorado foi aprovado em julho de 1999.

Após a consolidação da Teologia e das Ciências da Religião na Universidade, essa área do conhecimento logo alcançou o reconhecimento acadêmico e o prestígio internacional por meio da qualidade dos cursos oferecidos e do alto nível da produção científica dos seus pesquisadores. O sistema Capes certifica o alto nível da produção dessa área:

Os meios de divulgação da produção são em geral de qualidade, tendo muitas das publicações de artigos e capítulos de livros se dado no exterior. O reconhecimento internacional da produção acadêmica e da qualidade da formação da subárea é expresso pelos convênios e pelos eventos realizados conjuntamente, mas também pela procura de alunos estrangeiros a alguns programas. Neste sentido cabe destacar que a subárea conta com alguns programas de elevada qualidade dentro dos padrões internacionais que satisfazem plenamente os critérios de inserção internacional (Capes, 2005).

O primeiro programa na área de Ciências da Religião a ser credenciado no Capes em 1990 foi o de mestrado em Ciências da Religião da atual Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Para tanto, muito contribuiu o prof. Antônio Gouvea de Mendonça (Mendonça, 2007b). A consolidação dessa área deveria aguardar ainda mais alguns anos até a promulgação da

nova *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB), em 1996, e da *Portaria Ministerial 2.264*, de 19 de dezembro de 1997, seguida da *Portaria 1.418*, de 23 de dezembro de 1998. Com a *Portaria Ministerial 2.264/97*, o reconhecimento dos cursos de mestrado e doutorado passou a ser vinculado à avaliação da Capes. Observa-se que essa portaria passou a ter realmente efeito prático a partir da avaliação de 1998. Nesse ano, a Capes alterou o seu sistema de avaliação, que, já sendo bienal, se tornaria trienal na avaliação do período seguinte [2001, referente aos anos-base 1998, 1999 e 2000] e passaria, já em 1998, a classificar os programas com um conceito compreendido entre 1 e 7. Com a entrada em vigor da *Portaria Ministerial 1.418/98*, os programas que recebessem ou tivessem recebido, na avaliação da Capes, um conceito 3, ou superior, seriam automaticamente considerados credenciados após o resultado da avaliação ser referendado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

Hoje, existem nove programas associados à ANPTECRE [Associação dos Programas de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião] e um em processo de associação. São eles: Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, com mestrado e doutorado; Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, com mestrado e doutorado; Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com mestrado e doutorado; Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com mestrado e doutorado; Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com mestrado; Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, com mestrado; Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, com mestrado; Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com mestrado; Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

da Faculdade Unida com um mestrado profissionalizante em Ciências da Religião. Esses programas de pesquisa em nível de pós-graduação vêm publicando uma gama imensa de textos em periódicos, livros, anais de congressos etc.

Semestre após semestre, observa-se a dificuldade de alguns mestrandos em definir e operacionalizar o objeto de estudo e pesquisa em Ciências da Religião. Existe uma necessidade premente de se reafirmar o objeto de estudo dessa disciplina, a fim de estabelecer alguns elementos para a epistemologia das Ciências da Religião no Brasil – dados colhidos do site da ANPTECRE (2012). A publicação da obra de Filoramo e Prandi, *As ciências das religiões*, em 1999 (Filoramo; Prandi, 1999); a publicação dos textos de Antonio Gouvea Mendonça, *O fim de um tempo e Afinal do que estamos falando*, em 2007 (Mendonça, 2007a; 2007b); e os trabalhos do professor Frank Usarki são uma grande contribuição nessa direção (a tradução da obra *O que é ciência da religião* do pesquisador Hans-Jurgen Greschat, em 2005, a publicação do livro *Constituintes da religião. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*, em 2006; e a organização da obra *O espectro disciplinar da ciência da Religião*, em 2007).

O magno problema epistemológico das Ciências da Religião no Brasil parece que consiste em definir qual é o seu objeto de estudo e pesquisa. Discutindo essa questão, Antônio Gouvea Mendonça afirma: “Volto a dizer que este impasse decorre da confusão objetiva, quer dizer, da falta de definição do objeto.” (Mendonça, 2007a, p.147). Concordamos com Mendonça (2007a, p.147) que:

Independentemente do nome que se dê a essa área de conhecimento, seja Ciência da Religião, Ciência das Religiões ou Ciências da Religião, o primeiro problema que se coloca é este: qual é seu objeto? O que se estuda mesmo sob este ou aquele título?

A partir da revisão da literatura, este trabalho busca analisar o objeto das Ciências da Religião, avaliar as suas relações com as Ciências Humanas em seus aspectos interdisciplinares e realizar um estudo de caso sobre a produção científica dos egressos do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, quanto ao objeto de estudo pesquisado, no período compreendido entre 2002 e 2011. Foram analisados 150 dissertações e 169 artigos publicados em periódicos.

1. O objeto das Ciências da Religião

Afirmar que o objeto de estudo das Ciências da Religião é a religião, não é apenas redundante, mas um modo de simplificar o problema, pois definir e classificar a religião não são tarefas fáceis (Filoramo; Prandi, 1999, p. 253-284). A religião, como objeto de estudo e de pesquisa das Ciências da Religião, deve ser considerada pelo seu pesquisador na sua totalidade, complexidade e em seus elementos constituintes. Na revisão bibliográfica foram encontrados os objetos a seguir: a) a religião propriamente dita como objeto; b) o objeto considerado como as marcas de Deus na História, isto é, suas representações sociais; c) o objeto considerado como as crenças religiosas; d) o objeto considerado como o inventário do fenômeno religioso; e finalmente e) o objeto considerado como a experiência religiosa. Observa-se, todavia, que todos os objetos são apenas aspectos da religião.

Vejamos o primeiro caso: *a religião propriamente dita como objeto das Ciências da Religião*. O conceito de religião parece muito elástico para ser considerado objeto. No entanto, é na sua elasticidade que se encontram, ao mesmo tempo, sua maior virtude e sua maior fraqueza. Sua maior virtude reside na variedade de aspectos que a religião oferece ao cientista da religião como objeto de pesquisa. Já a sua maior fraqueza decorre da afirmação segundo a qual tudo o que se refere ao universo sagrado pode

ser considerado objeto de pesquisa. Se esse tudo é objeto de pesquisa das Ciências da Religião, podemos também afirmar o contrário: nada pode ser considerado objeto de pesquisa no universo religioso. Neste último caso, o cientista da religião pode disputar seu objeto com o historiador, o sociólogo, o antropólogo, o psicólogo, o economista e até com o biólogo. Só para citar alguns.

A religião, todavia, até pode ser considerada objeto de estudo das Ciências da Religião se tomada em sua totalidade, complexidade e variedade multifacetada. Assim, o epistemólogo deverá considerar como seu objeto de estudo toda a estrutura da religião, inclusive os rastros de Deus na experiência e subjetividade humana. Esses rastros podem ser encontrados nos ritos, nos mitos, nos arquétipos, na filosofia, nas artes plásticas, na literatura, nos comportamentos de produção, nas instituições religiosas, na educação, nos jogos sexuais e até nos cultos religiosos.

A perspectiva dos cientistas da religião quanto a seu objeto difere tanto da de observadores casuais quanto do olhar profissional de outro cientista. É semelhante a uma paisagem vista pelos olhos de um camponês — olhos que são diferentes dos de um caçador, ambientalista ou andarilho. E o objeto “religião”? É possível circunscrevê-lo em três frases, conforme os cientistas da religião percebem-no: 1. Veem o objeto “religião” como totalidade; 2. Reconhecem que esta totalidade apresenta-se de maneira quádrupla; 3. Observam que esta totalidade está viva e que, portanto, não para de se transformar (Greschat, 2005, p. 23-24).

Greschat parte do princípio de que a religião é algo objetivo e objetivado:

Diferentemente das definições de religião, o objeto “religião” não existe apenas na cabeça dos pesquisadores. Ele está no mundo exterior, onde pesquisadores realmente o enxergam. O objeto religião é algo concreto, ou seja, é sempre uma determinada religião (Greschat, 2005, p. 24).

Greschat aponta para a religião como uma totalidade portadora de quatro faces, a saber: uma manifestação comunitária, um sistema de atos religiosos, um sistema doutrinário e uma experiência religiosa (Greschat, 2005, p. 24-26).

O segundo caso aponta para *o objeto considerado como as marcas de Deus na história*, isto é, suas representações sociais. Temos as posições de Antônio Gouvea Mendonça em dois artigos elucidativos: *Afinal do que estamos falando* e *O fim de um tempo* (Mendonça, 2007a e 2007b). Mendonça sustenta que as Ciências da Religião no Brasil ainda giram em torno das ciências que lhe deram origem: teologia, filosofia, sociologia, antropologia, psicologia etc. A ligação umbilical com essas ciências aumenta o desafio para a autonomia das Ciências da Religião. Esta autonomia passa necessariamente pela definição do objeto de pesquisa. No pensamento de Mendonça, as Ciências da Religião dedicam-se à compreensão dos rastros de Deus na experiência humana na história.

Não se está falando aqui de buscar as marcas de Deus nessa ou naquela revelação ou livro sagrado: esse é o objeto da teologia. O que se quer afirmar é que as Ciências da Religião voltam a sua atenção para o grande livro da natureza humana e dentro desta até a presença dos livros sagrados e dos ritos religiosos. “Além disso, os epistemólogos tentarão entender o que é ser consciente de algo como criação de Deus ou como revelador de Deus, ou qualquer outra coisa” (Wolterstorff, 2008, p. 470).

De modo um tanto simplificado, mas adequado aos fins desta aula, religião são as variadas e mesmo infinitas formas com que Deus se expressa no mundo, na história e no cotidiano das pessoas. As Ciências da Religião estudam, não Deus, mas suas formas de expressão; em resumo, nas pessoas e na cultura. Neste ponto, Ciências da Religião se distinguem da Teologia porque não cogitam de questões a respeito de Deus, como sua existência e natureza. Estudam efeitos e não causa (Mendonça, 2007a, p. 152).

Quando Mendonça afirma que Deus não é o objeto de estudo das Ciências da Religião, ele propõe uma distinção clara entre Ciências da Religião e teologia. A teologia é o estudo da revelação de Deus em suas relações com o homem na história. As Ciências da Religião, por seu turno, têm a ver com as crenças sobre o sagrado e as marcas dessas crenças sobre o sujeito, e não propriamente sobre Deus, até porque é perfeitamente possível a existência de uma religião sem Deus (Mendonça, 2007, p. 18-23).

No terceiro caso, temos o *objeto de estudo das Ciências da Religião tomado como crença*. Nicholas Wolterstorff apresenta as crenças religiosas como sendo o objeto central do estudo da religião (Wolterstorff, 2008, p. 469-502). O que se quer dizer é que as Ciências da Religião estudam as crenças e os elementos da religião, que fazem parte do domínio da epistemologia. Ou, dizendo de outro modo, as Ciências da Religião pesquisam os efeitos das crenças religiosas sobre a construção da mentalidade e do comportamento dos sujeitos. As crenças devem ser tomadas como objetos de conhecimento; nesse sentido, até os relatos sobre Deus são passíveis de análise.

As crenças devem ser objetivadas. O campo de interesse das Ciências da Religião situa-se em um espaço humilde e limitado, destinado à ocorrência dos fenômenos que acontecem no campo do consciente e do inconsciente do sujeito. Os acontecimentos cujas crenças os situam no campo das parábolas em movimento, da supra História, dos milagres propriamente ditos, ou seja, dos fenômenos ditos sobrenaturais e/ou transcendentais por imposição do método científico, permanecem inacessíveis aos estudos das Ciências da Religião e devem continuar como objeto de pesquisa dos teólogos.

Também as crenças, elementos na religião, fazem parte do domínio da epistemologia. Grande parte da tarefa da epistemologia geral é entender possuir as condições necessárias e suficientes para que a crença possua esses méritos, e as virtudes da mente e as práticas indispensáveis e apropriadas para a presença desses

méritos tais como: ser formada de maneira confiável, ser garantida, ser legitimada, ser científica, ser racional, ser justificada — e, naturalmente, ser verdadeira. Ao desenvolver sua análise, o epistemólogo procura manter seu centro de atenção na crença religiosa; pois uma explicação de legitimação geral, mas que não é coerente com a crença religiosa, de certa forma, é um fracasso. De modo oposto, entretanto, o epistemólogo que tenha desenvolvido uma explicação geral de legitimação procurará mostrar como sua explicação se aplica ao caso específico da crença religiosa [Wolterstorff, 2008, p. 470].

No mundo contemporâneo, falar de crenças religiosas associa-se logo com o escolasticismo medieval. As crenças são rejeitadas como objeto de somenos importância. Ou, na maior parte das vezes, se é questionado sobre a veracidade, a legitimação e mesmo sobre a base científica de tais crenças. O que se obscurece nessas discussões é que o cientista também é influenciado não só pelas suas próprias crenças a respeito do seu objeto de estudo, como também pelas crenças da comunidade científica a que pertence.

Entretanto, como veremos a seguir, até mesmo nossas experiências mais elementares estão impregnadas de uma série de conceitos, generalizações, hipóteses, expectativas, etc.. Do mesmo modo, a ciência se vale de leis gerais que se aplicam a um número potencialmente infinito de casos, o que impediria uma verificação [Gewandzajder, 1989, p. 29].

Uma contribuição importante para o estudo das representações do sagrado e das crenças religiosas foi dada por Émile Durkheim com o termo *representações coletivas*, na obra *Les formes élémentaires de la vie religieuse* [Durkheim, 1912]. Nessa obra, Durkheim demonstra que a ideia de religião é inseparável da ideia de comunidade religiosa. As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada. Nessa comunidade, o indivíduo abre mão, às vezes, da sua própria liberdade pessoal para aderir às práticas e aos ritos coletivos e solidários cujo objetivo final é receber em troca

um determinado conhecimento do senso comum, útil para certa organização da realidade da vida cotidiana.

Em Durkheim, as representações sociais se referem a uma classe de crenças que procura dar conta de fenômenos como a religião, os mitos, a ciência, as categorias de espaço e tempo em termos de conhecimentos inerentes à sociedade, isto é, de como a sociedade organiza a sua realidade, transformando-a em conhecimentos úteis para a compreensão da dinâmica da vida comunitária. Tais crenças não são somente admitidas, individualmente, por todos os membros dessa coletividade, como também constituem o elo comum do grupo e dele fazem a unidade. Os indivíduos que o compõem sentem-se ligados uns aos outros pelos laços de uma crença comum, formando uma sociedade, cujos membros são unidos por representarem da mesma maneira o mundo sagrado e as relações deste com o mundo profano, e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas — é o que chamamos de religião.

No entendimento de Durkheim, não se encontra na história religião sem um grupo social. Ora o grupo é estreitamente nacional, ora se estende além das fronteiras; ora compreende um povo todo (Roma, Atenas, o povo hebreu), ora apenas uma fração (as sociedades cristãs depois do advento do protestantismo); ora é dirigido por um corpo de sacerdotes, ora é mais ou menos desprovido de algum órgão diretor revestido de título. Por toda parte em que foi observada, a vida religiosa tem como substrato um grupo definido. Mesmo os cultos chamados privados, como o culto doméstico ou o culto corporativo, satisfazem essa condição, pois são sempre celebrados por uma coletividade: a família ou a corporação. Além disso, do mesmo modo, essas religiões particulares não são, seguidamente, senão formas específicas de uma religião mais geral que abraça a totalidade da vida de seus adeptos.

Durkheim afirma, pois, que uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas; crenças e práticas que unem, em

uma mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os que a elas aderem. O segundo elemento que toma, assim, lugar em sua definição não é menos essencial que o primeiro, pois a ideia de religião é inseparável da ideia de Igreja; faz-se presumir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva. A religião seria o útero de formação das representações sociais na concepção de Durkheim. Na sociologia durkheimiana, a sociedade é uma realidade *sui generis*, e as representações coletivas, que a exprimem, são fatos sociais, coisas reais por elas mesmas. A representação coletiva é o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-la, uma multidão de espíritos diversos associou-se, misturou-se e combinou suas ideias; combinou sentimentos, transformando-os em símbolos; longas séries de gerações acumularam ali sua experiência e saber. Dessa gênese espetacular resultariam as características básicas das representações coletivas em relação ao comportamento e ao pensamento individual: autonomia, exterioridade e coercitividade. Dizendo de outra forma, os indivíduos que compõem a sociedade seriam portadores e usuários das representações coletivas, mas estas poderiam ser legitimamente reduzidas a algo como o conjunto das representações individuais, das quais difeririam essencialmente pelo seu caráter de totalidade social [Durkheim, 1912].

Durkheim foi a primeira pessoa a propor a expressão *representação coletiva*. Quis assim designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Em seu entender, a representação individual é um fenômeno puramente psíquico, irreduzível à atividade cerebral que permite também a representação coletiva. Esta, por sua vez, não se limita à soma das representações dos indivíduos que compõem uma sociedade. Com efeito, ela é um dos sinais do primado do social sobre o individual, da superação deste por aquele. A concepção durkheimiana torna-se o fundamento da conceituação de Moscovici sobre representações sociais: “Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento

particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (Moscovici, 1978, p. 26).

A proposição do conceito de representações coletivas buscou apoio empírico no estudo das religiões simples de povos ditos primitivos, embora, segundo Durkheim (1989), as formas elementares de representações identificadas naquelas religiões pudessem ser encontradas como substrato básico também nas religiões mais elaboradas. O mesmo aconteceria com relação às demais formas de conhecimento social, visto derivarem todas da própria religião. Peter Berger e Serge Moscovici corroboram esse pensamento (Berger, 1979, 1985; Moscovici, 1978, p. 25).

No quarto aspecto, temos *o objeto das Ciências da Religião considerado como o fenômeno religioso concreto*. Frank Usarki (2006) conceitua Ciência da Religião e propõe a sua autonomia a partir de três pilares: o conceito de Ciência da Religião, o objeto e o objetivo da Ciência da Religião e a interdisciplinaridade da Ciência da Religião. Usarki conceitua a Ciência da Religião como uma disciplina empírica que investiga sistematicamente a religião em todas as suas manifestações. O objeto de estudo da Ciência da Religião é o fenômeno religioso concreto. A tarefa da Ciência da Religião é realizar um inventário o mais abrangente possível desse fenômeno.

O objetivo da Ciência da Religião é fazer um inventário, o mais abrangente possível, de fatos reais do mundo religioso, um entendimento histórico do surgimento e desenvolvimento de religiões particulares, uma identificação e seus contatos mútuos, e a investigação de suas inter-relações com outras áreas da vida. A partir de um estudo de fenômenos religiosos concretos, o material é exposto a uma análise comparada. Isso leva a um entendimento das semelhanças e diferenças de religiões singulares a respeito de suas formas, conteúdos e práticas. O reconhecimento de traços comuns do cientista da religião, permite uma dedução de elementos que caracterizam a religião em geral, ou seja como um fenômeno antropológico universal (Usarki, 2006, p. 126).

Finalmente, *o objeto das Ciências da Religião considerado como a experiência religiosa*. A experiência religiosa para

Rudolf Otto é a vivência do sagrado. Caracteriza-se como uma experiência subjetiva em que um indivíduo apresenta, no relato de sua vivência, os sinais do encontro ou a união com uma entidade divina, ou, ainda, o contato com uma realidade transcendental: “A religião, seja ela qual for, é a reação total de um homem à vida” (Otto, 1992; James, 1995, p. 34).

Muitas tradições religiosas e místicas veem a experiência religiosa como um encontro direto com Deus, com deuses ou com outras realidades transcendentais. A visão científica normalmente afirma que a experiência religiosa é uma experiência normal do cérebro humano que evoluiu em algum momento durante o curso da evolução do cérebro (James, 1995). Seja como for, a experiência religiosa é a apreensão empírica do sagrado. A experiência religiosa, nesse sentido, é aquela gama de sensações, sentimentos e emoções produzida pela presença e/ou ausência do sagrado, conforme descrita por William James (1842-1910).

A religião, por conseguinte, como agora lhes peço arbitrariamente que a aceitem, significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino (James, 1995, p. 31).

A experiência religiosa, contudo, transcende a subjetividade e se materializa nas atitudes do sujeito: “Experiências religiosas são cristalizadas em obras de arte, ritos, mitos e em outras manifestações. Talvez algo visível permita-nos um olhar no invisível, em uma experiência religiosa” (Greschat, 2005, p. 27). Ou seja, a experiência religiosa é um sistema plenamente organizado de vivências, pensamentos, intuições, contraintuições etc. São os acontecimentos que se reportam às cognições, sensações, emoções relativas aos objetos e entidades consideradas divinas, e às mudanças nos sujeitos decorrentes do relacionamento com essas entidades.

Grock caracteriza a experiência religiosa de maneira objetiva dentro de um contexto mais amplo, com quatro dimensões bem estabelecidas: *a dimensão experiencial* — aquilo que nos referimos como sendo a experiência religiosa fortemente impregnada das emoções produzidas pelo objeto sagrado; *a dimensão ritual* — que seria a memória gestual do mito que carrega em si as práticas religiosas do grupo em questão; *a dimensão ideológica* — que se reporta às crenças, doutrinas, convicções espirituais etc; e *a dimensão consequencial* — caracterizada pelas consequências das crenças do grupo sobre a conduta moral e o comportamento do sujeito [Grock, 1965 apud Vale, 1998, p. 63].

Conforme discutido até aqui, o *status* epistemológico das Ciências da Religião está diretamente ligado ao esclarecimento de seu objeto e método, garantindo o seu caráter de cientificidade. E é tarefa do atual cientista da religião no Brasil, bem como dos programas de Pós-graduação da área, o estabelecimento e o delineamento desse caráter. De acordo com Mendonça (2001, p. 110),

A tarefa mesma de construir e enriquecer o conhecimento social da religião fica a cargo dos pesquisadores, assim como a construção futura de amplas linhas teóricas. Outro fator importante para o nosso progresso neste campo será a crítica constante que devemos fazer uns dos outros. Não criamos ainda este hábito entre os estudiosos da religião porque estamos começando. Mas nossa ciência, como outra qualquer, só caminhará e se aperfeiçoará mediante a força dialética da crítica.

O caráter natural de interdisciplinaridade nas Ciências da Religião também é fator de nossa análise aqui apresentada. Como instituição social e organização humana, o estudo da Religião estabelece comunicação direta com outras áreas do conhecimento, como a arte, a literatura, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a política, a educação, a filosofia, a história etc. Isso dito, não se deve esquecer que, como elo de relação entre a humanidade e a divindade na qual se crê, a religião estabelece relação também com a teologia. Assim, a tarefa do pesquisador

contemporâneo em Ciências da Religião é considerar as áreas temáticas com intersecções em seu objeto de pesquisa, sem perder, contudo, o foco do seu objeto, a fim de realizar uma reflexão e análise crítica do fenômeno humano da religião, bem como das suas origens sociais e a sua influência na formação do discurso construtor da realidade humana. Há de se construir, ao definir-se o objeto e o método dessa ciência por seus próprios pesquisadores, uma integração do campo de estudos, rompendo-se com a independência entre as demais ciências sociais e humanas que com ela dialogam, mas estabelecendo-se, por fim, o campo específico do seu trabalho, a partir de critérios específicos do ponto de vista epistemológico. De acordo com Pondé (2001, p. 39),

Faz parte da construção de contratos epistemológicos a participação ativa na discussão de modelos epistemológicos existentes e não a pura aceitação de tais modelos como “manuais explicativos do comportamento em campo”. É parte da formação destes profissionais a discussão acerca dos parâmetros cognitivos que fundam a sua disciplina.

2. O objeto de estudo das Ciências da Religião: um estudo de caso

Neste sentido, este texto não visa somente a supor as margens de interfaces que as Ciências da Religião apresentam, ou mesmo oferecer um manual normativo de conduta no estabelecimento de seu objeto de trabalho. Na consolidação da identidade desse campo acadêmico no Brasil, este trabalho pretende contribuir para a observação e a análise de dados concretos, a partir do inventário de dissertações apresentadas ao programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, bem como do inventário de trabalhos publicados em revistas científicas e apresentados em eventos acadêmicos por seus alunos egressos, no período entre 2002 e 2011. Para tal, lançou-se mão da produção científica e das dissertações

desses alunos, bem como no relatório discente apresentado pela instituição à Capes em 2011.

Como resultados, podemos observar que nessa amostragem foram apresentadas 150 dissertações em Ciências da Religião, sendo que na sua ampla maioria houve o diálogo fluente com a sociologia. Contudo, outras ciências humanas são frequentemente observadas no diálogo com os pesquisadores avaliados, de modo marcante a filosofia, a psicologia, a história e a antropologia. De modo mais sutil, mas presente, verificou-se certa interface das dissertações inventariadas com a teologia, com a biologia, com a economia, artes e literatura.

Tabela 1. Relação entre dissertações apresentadas ao programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie e interdisciplinaridade

Área do conhecimento em que predomina a interdisciplinaridade da dissertação	Número de trabalhos
Sociologia da Religião	70
Filosofia da Religião	24
Psicologia da Religião	15
História social das Religiões	11
Antropologia da Religião	10
Teologia	8
Biologia da Religião	4
Literatura e Religião	4
Economia da Religião	2
Arte e Religião	2
Total	150

Os dados encontrados demonstram a multi e interdisciplinaridade discutida nesse trabalho por Mendonça (2001) e Pondé (2001): existe grande atrelamento entre o trabalho desenvolvido em Ciências da Religião e as ciências humanas que inicialmente pesquisaram sobre religião no País, a partir de seus objetos e de suas perspectivas metodológicas. Considerando-

se, assim, o desafio do estabelecimento desse campo com propriedade, esta pesquisa levou em consideração também o estabelecimento dos objetos de pesquisa nessas dissertações.

Assim, na amostra estudada, percebeu-se a seguinte compreensão do objeto de pesquisa em Ciências da Religião, refletida na composição dos seus próprios objetos de pesquisa: cerca de 45% da amostra entende que o objeto de pesquisa em Ciências da Religião é o inventário do fenômeno religioso, ou seja, busca investigar sistematicamente a religião em suas manifestações e no estudo do fenômeno religioso concreto, compondo uma compreensão abrangente desse fenômeno; pouco menos de 40% da amostra entende que as Ciências da Religião têm como objeto as representações sociais de Deus na sociedade: suas dissertações contêm as crenças sobre o sagrado e as marcas dessas crenças sobre o sujeito, e não propriamente o Sagrado ou Deus; menos de 10% da amostra concebeu que o objeto do seu campo de estudo é a religião propriamente dita, ou as crenças religiosas, ou a experiência religiosa em si.

Tabela 2: Tipo de compreensão do objeto em Ciências da Religião nas dissertações apresentadas ao programa de Pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Tipo de compreensão do objeto das Ciências da Religião	Número de trabalhos apresentados com esta compreensão
a religião propriamente dita como objeto	12
o objeto considerado como as marcas de Deus na história, isto é, suas representações sociais	42
o objeto considerado como as crenças religiosas	12
o objeto considerado como o inventário do fenômeno religioso	71
o objeto considerado como a experiência religiosa	13
Total	150

Esses dados apontam para o fato de que, nessa amostra, embora haja o atrelamento das Ciências da Religião com as ciências humanas que lhes deram origem no País, é marcante o significado de que o seu objeto esteja mais alinhado àquilo que compreende a presença do Sagrado na Humanidade e na sua experiência histórica, sensível e observável. No que se refere à publicação dos egressos que compõem esta amostragem no universo acadêmico, verifica-se um interesse maior na divulgação dos dados obtidos com seus esforços acadêmicos na discussão do problema de pesquisa com a psicologia, sociologia e teologia. Em menor número, mas ainda relevante quanto ao número total de dados analisados, estão os textos que dialogam com a filosofia e com a história. O número de trabalhos em diálogo com a antropologia foi muito pequeno se comparado aos demais e irrisório no que diz respeito à economia. Entretanto, o que mais chama a atenção desses pesquisadores é uma tênue, porém presente, inversão de alinhamento de diálogo com outras ciências, comparando-se aos dados apresentados na tabela 1. Enquanto o maior número de dissertações defendido pela amostra se dava na interdisciplinaridade com a sociologia e a filosofia, nas publicações posteriores dos egressos, a predominância se deu marcadamente no campo da psicologia e da teologia, reduzindo o percentual de contribuições acadêmicas ligadas à Sociologia.

Tabela 3: Relação entre os trabalhos dos alunos egressos do programa de Pós-graduação da UPM publicados em revistas científicas, eventos acadêmicos e livros, e interdisciplinaridade

Artigos publicados em revistas científicas e apresentados e publicados em anais de eventos acadêmicos, livros e capítulos de livros	Número de trabalhos
Psicologia da Religião	25
Sociologia da Religião	22
Teologia	20
Filosofia da Religião	10
História social das Religiões	9
Literatura e Religião	8
Antropologia da Religião	4
Economia da Religião	1
Total	99

Esses dados podem sugerir que, embora os pesquisadores tenham compreendido o caráter do objeto de pesquisa das Ciências da Religião, o desenvolvimento intelectual nessa área lhes possibilita uma transição plural no desempenho de outras atividades acadêmicas, um movimento em relação às temáticas trabalhadas e uma aplicabilidade do conhecimento para áreas de seu interesse prático no mundo.

Ao observarmos a tabela 4, com a classificação dos objetos de trabalho destas publicações, podemos conferir uma pulverização da concentração nas possibilidades de compreensão. Ainda que em suas dissertações entendam que o objeto das Ciências da Religião seja a representação social de Deus e o inventário do fenômeno religioso, nas publicações após o curso do mestrado, esses mesmos sujeitos publicaram seus trabalhos, em Ciências da Religião, compreendendo de modo homogêneo que o objeto de que tratam seja também a crença religiosa e a experiência religiosa.

Tabela 4: Relação entre compreensão do objeto em Ciências da Religião e trabalhos dos alunos egressos do programa de Pós-graduação da UPM publicados em revistas científicas, eventos acadêmicos e livros

Tipo de compreensão do objeto das Ciências da Religião	Número de trabalhos apresentados com esta compreensão
a religião propriamente dita como objeto	1
o objeto considerado como as marcas de Deus na história, isto é, suas representações sociais	28
o objeto considerado como as crenças religiosas	16
o objeto considerado como o inventário do fenômeno religioso	31
o objeto considerado como a experiência religiosa	23
artigos fora do campo das Ciências da Religião	70
Total	169

Vale ressaltar ainda que, talvez porque os pesquisadores têm formação superior em áreas específicas das ciências humanas, muitos dos trabalhos da amostragem não continham objeto específico em Ciências da Religião, o que denota a transitoriedade do pesquisador nessa área, confirmando-se assim a necessidade de consolidação de uma identidade acadêmica melhor debatida.

Considerações Finais

As Ciências da Religião, com mais de quarenta anos na universidade brasileira, parecem alcançar maturidade e autonomia em relação ao seu objeto de estudo e pesquisa. O problema epistemológico das Ciências da Religião no Brasil ainda consiste em definir qual é o seu objeto de estudo e pesquisa. Este trabalho analisou o objeto das Ciências da Religião; avaliou as relações das Ciências da Religião com as Ciências Humanas em seus aspectos interdisciplinares e realizou um estudo de caso sobre a produção científica dos egressos do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, quanto ao objeto de estudo pesquisado, no período compreendido entre 2002 e 2011. Foram analisados 150 dissertações e 169 artigos publicados em periódicos.

As Ciências da Religião têm objeto de estudo definido. Nesse sentido, a melhor definição para esse objeto de estudo parece ser mesmo aquela elaborada por Usarski (2006), que afirma ser o objeto de estudo dessa disciplina *o fenômeno religioso concreto. Esse fenômeno deve ser tomado em sua totalidade: para isso, deve-se fazer um inventário: da religião propriamente dita como objeto; das marcas de Deus na história, isto é, suas representações sociais; das crenças religiosas; do fenômeno do campo religioso; e, finalmente, da experiência religiosa. Observa-se, todavia, que todos os objetos são apenas aspectos constituintes da religião.*

Esta pesquisa trabalhou com 150 dissertações de egressos do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, no período compreendido entre 2002 e 2011. Registra-se que cerca de 45% da amostra compreende o objeto de pesquisa em Ciências da Religião como o inventário do fenômeno religioso, ou seja, esses estudos buscam investigar sistematicamente a religião em suas manifestações e no estudo do fenômeno religioso concreto, compondo uma compreensão abrangente desse fenômeno.

Quanto à produção científica desses egressos, foram analisados 169 trabalhos publicados em periódicos, e pode-se afirmar que nesse aspecto existe certa pulverização da concentração das possibilidades de compreensão: ainda que, em suas dissertações os pesquisadores compreendam que o objeto das ciências das religiões seja a representação social de Deus e o inventário do fenômeno religioso, nas publicações após o curso do mestrado, esses mesmos sujeitos publicaram seus trabalhos, em Ciências da Religião, entendendo de modo homogêneo que o objeto de que tratam seja também as crenças religiosas e a experiência religiosa. Registra-se, todavia, que 99 das publicações dos egressos encontram-se dentro do objeto das Ciências da Religião e 70 dos trabalhos foram focados em objetos fora do campo das Ciências da Religião, como a teologia, a filosofia, a psicologia, a sociologia, a literatura, a história etc.

Cabe aqui, mais uma vez, ressaltar a possível relação existente entre a formação superior em áreas específicas das ciências humanas e o fato constatado de que muitos trabalhos da amostra não continham objeto específico em Ciências da Religião, denotando, por conseguinte, a transitoriedade do pesquisador nessa área, confirmando-se a necessidade de consolidação de uma identidade acadêmica melhor debatida.

Registramos não se tratar de um estudo conclusivo, apenas de um estudo de caso com todas as limitações de uma pesquisa desta envergadura.

Referências

ANPTECRE, Associação dos Programas de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião. Disponível em: <<http://www.anptecre.org.br/apresentacao/associados.html>>. Acesso em: 01/04/2012.

BERGER, Peter. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Trad. Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. *Las pirámides del sacrificio: ética política y cambio social*. México: Premia, 1979.

_____. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. *Rumor de anjos, a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. 2. ed. Trad. Waldemar Boff. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAPES – DOCUMENTO DE ÁREA-TRIÊNIO: 2001-2003. Ver documentos de Área da Capes. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/capes/portal>>. Acesso em: 22/12/ 2005.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. *Les formes élémentaires de la vie religieuse. Le système totémique en Australie*. 50 éd. Paris: Les Presses universitaires de France, 1968. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/formes_vie_religieuse/vie_religieuse_tdm.html>. Acesso em: 20/04/2012.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlos. *As Ciências das Religiões*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

GOMES, Antonio Maspoli de Araujo et al. *Teologia, ciência e profissão*. A identidade, a formação e o campo de atuação profissional do teólogo no Brasil. São Paulo: Fonte, 2007.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Que é o Método Científico*. São Paulo: Pioneira, 1989.

GRESCHAT, Jürgen-Hans. *O que é ciência da religião?* Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

GROCK, C.Y.; STARK, R. *Religion and Society in Tension*. Chicago: Rand McNally, 1965.

JAMES, William. *As Variedades da Experiência Religiosa*. Um Estudo Sobre a Natureza Humana. São Paulo: Cultrix, 1995.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDB), 1996.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. Ciências da Religião, afinal do que estamos falando? In: GOMES, Antonio Maspoli de Araujo et al. *Teologia, ciência e profissão*. A identidade, a formação e o campo de atuação profissional do teólogo no Brasil. São Paulo: Fonte, 2007.

_____. O fim de um tempo. In: GOMES, Antonio Maspoli de Araujo et al. *Teologia, ciência e profissão*. A identidade, a formação e o campo de atuação profissional do teólogo no Brasil. São Paulo: Fonte, 2007.

_____. A Cientificidade das Ciências da Religião. In: TEIXEIRA, F. *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil*: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. Um confronto entre juazeiro, Canudos e Contestado. In: BORIS, Fausto (dir.). *História geral da civilização*. Tomo III – O Brasil Republicano – 2º volume: sociedade e Instituições – 1889-1930. Rio de Janeiro e São Paulo: DIFEL, 1977.

_____. *Os errantes do Novo Século*: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1992.

PAIVA, G. J. [Org] et al. *Entre Necessidade e Desejo*. Diálogos da psicologia com a Religião. São Paulo: Loyola, 2001.

PONDÉ, L. F. Em busca de uma cultura Epistemológica. In: TEIXEIRA, F. *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil* : afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

PORTARIA MINISTERIAL 2.264, de 19 de dezembro de 1997.

PORTARIA MINISTERIAL 1.418, de 23 de dezembro de 1998.

RODRIGUES, C. C. L. Psicologia da religião na investigação científica da atualidade. *Revista Ciências da Religião – História e Sociedade*. V.6, n. 2, 2008.

SOSA, Ernest; GRECO, John. *Compêndio de Epistemologia*. Trad. Alessandra Siedschlag Fernandes; Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008.

USARKI, Frank. *Os constituintes das Ciências da Religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____ [Org]. *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VALE, Edênio. *Psicologia e Experiência Religiosa, estudos introdutórios*. São Paulo: Loyola, 1998.

WOLTERSTORFF, Nicholas. Epistemologia da religião. In: SOSA, Ernest, e GRECO, John. *Compêndio de Epistemologia*. Trad. Alessandra Siedschlag Fernandes; Rogério Bettoni. São Paulo: Loyola, 2008.